

## INTENCIONALIDADES, DESEJOS E ASPIRAÇÕES: ESTRATÉGIAS DE VIDA DAS MULHERES NO MERCADO DO SEXO NA CIDADE DE FORTALEZA, CEARÁ<sup>1</sup>

Fernanda Maria Vieira Ribeiro<sup>2</sup>

### RESUMO:

No âmbito da prostituição, a agência das mulheres se dá através das rupturas e ressignificações dos regimes de poder e discurso que permeiam suas vidas. Lidando com as opressões e hierarquias de gênero, as mulheres elaboram estratégias para driblar estigmas sobre suas identidades em relação ao trabalho sexual, para sair de mercados de trabalho mal pagos, ajudando sua família e mantendo seus filhos, ou realizando o desejo de ter um padrão de vida e de consumo melhor, até viajar para o exterior ou migrar. Analisaremos como as mulheres inseridas no mercado do sexo local e/ou no circuito de turismo internacional na cidade de Fortaleza elaboram suas estratégias de vida, as motivações das mulheres e sua entrada no mercado do sexo, as relações e condições de trabalho; identificando sua agência em meio a diversos tipos de controle e suas opções em relação à liberdade e segurança no trabalho.

**Palavras-chave:** Gênero. Prostituição. Agência, Autonomia

### ABSTRACT:

In prostitution, women's agency is through the ruptures and reinterpretation of the regimes of power and discourse that permeate their lives. Dealing with the oppressions and gender hierarchies, women work out strategies to circumvent stigmas about their identities in relation to sex work out of underpaid labor markets, helping your family and keeping your children, or fulfilling the desire to have a standard life and better consumption, to travel abroad or migrate. We will analyze how women entered in the local sex trade and / or in international tourism circuit in the city of Fortaleza prepare their life strategies, motivations of women and their entry into the sex trade, relations and working conditions; identifying your agency amid several types of control and its options regarding the freedom and safety .

**Key-words:** Gender. Prostitution. Agency. Autonomy

## 1 INTRODUÇÃO

Debates feministas têm trazido à tona a questão da agência e da autonomia da mulher em relação às estruturas sociais e as formas de dominação masculina. Combinadas com teorias do *self* e do sujeito, os conceitos de agência e de autonomia

---

<sup>1</sup> Este artigo é parte da dissertação intitulada *Táticas do sexo, estratégias de vida e subjetividades: mulheres e agência no mercado do sexo e no circuito do turismo internacional na cidade de Fortaleza, Ceará*, defendida no ano de dois mil e treze na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE).

<sup>2</sup> Professora substituta da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA), Estado do Ceará. Mestra em Sociologia pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Integrante do Grupo de Pesquisa Família, Gênero e Sexualidade (FAGES/UFPE). Email: fernandamvribeiro@gmail.com

tem sido estudados tanto pela filosofia e teoria social, como pelas principais correntes do feminismo.

Segundo Brison (1997), a visão de *self* mais central para a ética e para a filosofia social, política e legal é a que mantém o *self* como o lócus da agência autônoma, pela qual livremente se faz escolhas e realiza ações, este *self* é considerado responsável por suas decisões e ações. Friedman (1997) concebe o principal conceito de autonomia como auto-governo e auto-determinação, distinguindo-o em três tipos: a *autonomia política*, que diz respeito a soberania popular e é governada pelo povo, usualmente incorporado nos direitos políticos e civis; a *autonomia moral*, é a que o indivíduo age de acordo com os princípios morais, valores e normas, de que alguma forma são seus; e a *autonomia pessoal*, é definida como um indivíduo que determina, sobre aqueles aspectos de sua vida que não está limitado por restrições morais, a escolha entre uma variedade de alternativas moralmente permitidas.

O conceito tradicional de sujeito autônomo tem sido criticado pelo pensamento feminista. Segundo Brison (1997) e Friedman (1997), o conceito de sujeito autônomo é excessivamente individualista, pressupondo que os sujeitos ou *selves* são átomos antissociais, ignorando a importância das relações sociais e promovendo um tipo de independência que separa o indivíduo do envolvimento interpessoal com outros. Feministas afirmam que o conceito tradicional de autonomia está inclinado sob os papéis sociais masculinos e reflete conceitos e ilusões masculinas, como ser anti-social, a-histórico, emocionalmente objetivo, auto-consciente, coerente, racional e universal em sua racionalidade. Uma segunda crítica desse conceito é que ele pressupõe um sujeito coerente e unificado com uma identidade estável que perdura através do tempo e que é dono de suas escolhas. “Essa pressuposição é criticada por noções pós-modernas do sujeito como um instável, fragmentado e com uma incoerente variedade de posições no discurso” (BUTLER *apud* FRIEDMAN, 1997, pg. 42, *tradução nossa*).

Outras críticas foram feitas a ideia de um *self* e/ou de um sujeito linear, unificado ou completamente autoconsciente de suas ações. Essa visão é criticada pela perspectiva de um sujeito dependente socialmente e limitado pelas estruturas sociais, como também pela ideia de um sujeito que está sempre em construção, nunca com uma identidade fixa e única por toda a vida, mas com uma identidade múltipla, fragmentada, nômade, atravessado por regimes de poder e de saber. Para Judith Butler (1995), as relações de poder tem um papel central na constituição do sujeito.

Se o sujeito é constituído pelo poder, o poder não cessa no momento em que o sujeito é constituído, o sujeito nunca é inteiramente constituído, mas é sujeitado e produzido outra vez. Esse sujeito não é nem um fundamento nem um produto, mas a permanente possibilidade de certo processo de resignificação, no qual consegue desviar e parar através de outros mecanismos de poder, mas pela própria possibilidade do poder de ser retrabalhado. (BUTLER, 1995, pg.47, *tradução nossa*)

A teoria do sujeito constituído pelo poder nos traz uma ideia de agência relevante para se pensar as correlações de força no mercado do sexo. A agência, tanto para Butler como para Foucault, é um processo de resignificação das convenções da linguagem, que está diretamente ligada à crítica da ideia de um sujeito alienado ou reprimido pelas forças sociais, mas que é produzido por elas. Segundo Benhabib (1995), por performatividade Butler não fala de um modelo teatral, mas de um modelo de atos de fala. Em uma explicação deste modelo, Butler escreve: “Ser constituído pela linguagem é ser produzido dentro de uma rede de poder/discurso os quais são abertos a resignificação, reorganização, citação subversiva de dentro e interrupção, e a uma convergência inadvertida dentro de tais malhas” (BUTLER *apud* BENHABIB, 1995, pg.109, *tradução nossa*).

A questão da linguagem, tanto enfatizada por Butler como por Foucault, diz respeito a sobredeterminação dos regimes de poder e de discurso sobre as práticas individuais. Conforme Butler,

[...] o discurso não é simplesmente palavras faladas, mas uma noção de significação a qual se relaciona não simplesmente em como certos significados vem a significar o que eles significam, mas como certas formas discursivas articulam sujeitos e objetos em sua inteligibilidade. (BUTLER, 2009, pg.138, *tradução nossa*).

Desta forma, a resignificação é o domínio no qual certos conjuntos de possibilidades de agência podem ser discernidos e derivados, como uma possibilidade imanente ao poder.

No âmbito da prostituição, a agência das mulheres se dá através das rupturas e resignificações dos regimes de poder e discurso que permeiam suas vidas. Lidando com as opressões e hierarquias de gênero, as mulheres elaboram estratégias para driblar estigmas sobre suas identidades em relação ao trabalho sexual, para sair de mercados de trabalho mal pagos, ajudando sua família e mantendo seus filhos, ou realizando o desejo

de ter um padrão de vida e de consumo melhor, até viajar para o exterior ou migrar. Como veremos nesse artigo, as mulheres são agentes ativas nas suas escolhas e através das suas relações sociais, que mesmo limitadas por estruturas e forças sociais, ressignificam sua condição e se arriscam nas malhas inadvertidas dos poderes cotidianos.

Analisaremos como as mulheres inseridas no mercado do sexo local e/ou no circuito de turismo internacional na cidade de Fortaleza elaboram suas estratégias de vida. No primeiro tópico, analiso as motivações das mulheres e sua entrada no mercado do sexo, as relações e condições de trabalho, identificando sua agência em meio a diversos tipos de controle e suas opções em relação à liberdade e segurança no trabalho. Também suas intencionalidades, desejos e aspirações.<sup>3</sup>

## **2 ENTRADA NA PROSTITUIÇÃO: COERÇÃO OU OPÇÃO?**

Não se entra em qualquer atividade sem um objetivo, e não seria diferente na prostituição, mesmo que esse motivo seja sua subsistência e da sua família. As condições econômicas das mulheres ou o objetivo a ser alcançado variam nas mais diversas formas em que o mercado do sexo está organizado. Existem diferenciações nas justificativas das mulheres para começar a fazer programas<sup>4</sup> nos diferentes níveis da prostituição: nas ruas, nas casas de massagem, nas boates, na alta prostituição, etc. Mas um fator está incluso em todas as respostas: o desejo de melhorar de vida; seja para sair de uma condição de vida precária, seja para ter acesso a bens de consumo acessíveis somente a uma pequena parcela da população.

Na prostituição de rua, as justificativas ou motivos das mulheres entrarem na prostituição geralmente são relacionados a necessidades econômicas ou de manutenção dos filhos e/ou família. Melissa<sup>5</sup>, que trabalha na esquina da Av. da Abolição, me contou que foi abandonada pela mãe muito cedo e seu pai passava necessidade. Ela casou e teve três filhos, mas se separou e ficou com os três filhos para criar. Na época, começou a trabalhar como garçõete na boate Europa Disco Bar,

---

<sup>3</sup> A pesquisa foi realizada entre junho e outubro de dois mil e doze e teve como objetivo geral compreender a agência e a subjetividade de mulheres que oferecem serviços sexuais em casas de massagem, clubes de acompanhantes, nas ruas e, sobretudo, nas boates localizadas na beira-mar de Fortaleza/CE.

<sup>4</sup> Palavra que se refere aos contratos que regulam a troca de sexo por pagamento financeiro direto, nos quais preços, períodos de tempo e práticas sexuais são acordados previamente.

<sup>5</sup> Todos os nomes das entrevistadas foram modificados para preservar suas identidades.

fechada depois que a polícia flagrou uma menor de idade trabalhando na boate. Enquanto trabalhava, um cubano a convidou para fazer um programa.

*Eu não fiz sexo com ele, não consegui tirar a roupa com vergonha. Mesmo assim ele me deu 100 euros, o que pra mim era muito dinheiro. (Entrevista Melissa, 23.07.2012)*

Melissa disse ainda ter passado quatro anos naquela boate e depois teve outro relacionamento e mais um filho. Terminado o relacionamento, ela voltou a fazer programa, mas agora na rua e já está há dez anos nessa atividade. Atualmente, ela cuida de dois filhos - os outros dois estão com a avó por parte de pai no interior do Estado de Sergipe, e uma das filhas só veio morar com ela recentemente, depois de uma visita -, tem uma barraca de churrasco em frente a uma faculdade de grande porte em Fortaleza<sup>6</sup>, e recebe pensão da sua mãe e do pai dos seus filhos.

*Melissa disse que não conta nada da barraquinha e da pensão para as meninas porque elas trabalhavam ali, mas não sabia o que elas faziam depois quando iam embora. Quando ela termina seu ponto que geralmente é até uma hora da manhã, ela vai embora para a casa dela. Ela disse que a pensão da mãe foi um acordo judicial entre seu pai e sua mãe quando ela foi embora, de pagar pensão até ela completar 30 anos. (Entrevista Melissa, 23.07.2012)*

Sobre a pensão dos filhos, Melissa disse que não se entra em um relacionamento para sair com as *mãos abanando*. Ela ressaltou que não pega qualquer cliente, quando chega homem “mal-encarado” ou “tirando onda”, ela sai logo de perto, e que por isso as suas colegas de esquina dizem que ela não quer ganhar dinheiro. Ela diz ficar muito indignada porque ela fica dando duro nas esquinas, enquanto tem *umas* que aparecem para *dar de graça* por uma cerveja ou cigarro, por isso ela se “valoriza”.

Manu, colega de ponto de Melissa, é do Rio de Janeiro, mas passava uma temporada em Fortaleza para pagar a dívida de dinheiro emprestado que tomou de uma amiga cearense. Me relatou que começou a fazer programa porque seus pais passavam necessidade, e foi para as boates de Copacabana, *onde os gringos frequentam*. Ela começou a se prostituir com 14 anos e logo que completou a maioridade foi para o exterior com a ajuda de uma amiga, com visto de turista. Primeiro foi para a Suíça, passou três meses e voltou para o Brasil, pouco tempo depois voltou para o exterior, dessa vez para a Espanha e passou um ano, voltou novamente, passou mais dois meses no Brasil e retornou para Madri, ficando lá dez anos como ilegal. Foi deportada para o

<sup>6</sup> Omito o nome da faculdade para preservar a identidade da entrevistada.

<sup>7</sup> As citações feitas de forma indireta são das entrevistas não-gravadas.

Brasil depois desse período. Quando perguntei sobre sua estadia em Fortaleza, ela colocou

Manu: Pra mim tá fatal... horrível (*risos*) eu só vim mais por causa da minha amiga, ela morou comigo no rio, e eu também queria sair da rotina do Rio, sair da rotina, viajar um pouco, porque todo dia a mesma coisa... e ver a filhinha dela, gosto muito da criança, a filha da minha amiga.

Fernanda: Pelo que tu tá me falando assim tá bem fraco o movimento, tem dias que tu não trabalha?

Manu: Ah tem dia que eu não faço nada, ontem, por exemplo, foi um dia de pura sorte, consegui fazer um programa de merreca né, então isso pra mim não vale a pena, vim pra cá, ficar numa esquina e não fazer... não... vale não... por lá eu faço muito mais no Rio de Janeiro... (Entrevista Manu, 20.07.2012)

Manu diz que já faz mais de treze anos que trabalha fazendo programa e que apesar de já ter trabalhando muito em boate, tanto no Brasil como no exterior, hoje prefere trabalhar na rua, *calçada pra mim é melhor porque dá muito mais lucro*.

Essas mulheres, apesar de terem me relatado sua entrada na prostituição por dificuldades financeiras, durante seus percursos na atividade, elas demonstram como são agentes ativas nas suas escolhas e preferências, justificando a permanência em uma atividade estigmatizada ou buscando os melhores meios de conseguir dinheiro ou realizar seus desejos, como viajar para o exterior. Pesquisadoras como Simões (2010), Gaspar (1988) e Fonseca (1996) ressaltam que as mulheres elaboram estratégias para justificar sua atividade na prostituição, tanto para diminuir o estigma que recai sobre elas, falando de suas condições econômicas precárias, a difícil colocação no mercado de trabalho, baixos rendimentos e muitas vezes a condição de chefe de família, de forma que sua atividade seja mais tolerada tendo em vista que *ela não tem outra opção*.

Outras mulheres enfatizaram a opção de fazer programa como uma escolha, seja para suprir uma necessidade ou desejo transitório, seja para ter rendimentos maiores do que conseguiriam em outro tipo de trabalho.

Myli, 28 anos, natural de Belém do Pará, já vive em Fortaleza há quatorze anos. Ela e sua família chegaram na cidade quando ela tinha quatorze anos de idade. Myli começou a fazer programa com dezesseis anos, suas duas irmãs eram garotas de programa e ela iniciou com os clientes das irmãs. Depois ficou pelo “circuito da Praia de Iracema”<sup>8</sup>, mas pela rua, porque nas boates não é permitida a entrada de menores de idade. Ressaltou que sua família nunca passou necessidades financeiras, mas que por

---

<sup>8</sup> Fala-se circuito porque é uma região onde tem vários bares e boates onde encontram-se mulheres e estrangeiros.

seu pai ser caminhoneiro e sua mãe dona de casa, eles sempre só tiveram o básico. Depois que ela e suas irmãs começaram a fazer programa, elas sempre ajudavam em casa, fazendo a feira ou pagando contas de água e de luz, dessa forma o dinheiro do pai “ficava mais pra ele mesmo”. Sua mãe sempre soube da atividade das filhas, mas atualmente suas irmãs não fazem mais programa, estão casadas e com empregos no mercado formal, e como ela está vivendo junto com um empresário local, sua mãe pensa que o dinheiro que Myli envia por mês para ela e para o seu filho que é cuidado pela mãe, vem do seu companheiro.

Myli disse que gosta do seu “marido”<sup>9</sup>, mas continua fazendo programa na Belíssima porque ela manda dinheiro para os pais e para o filho. O companheiro de Myli é empresário de uma fábrica de castanhas em Fortaleza, ele é casado, mas comprou um pequeno prédio na periferia para ele e Myli morarem juntos, alugando os outros apartamentos. Segundo ela, o marido não poderia dar a ela a quantia que ela tira por mês fazendo programa. Ela já morou com um francês por quatro anos na França e disse que nesse período não fazia programa, mas sentia falta porque tudo que precisava comprar tinha que pedir dinheiro para ele.

Sheron, 20 anos, ainda frequentava as boates da Praia de Iracema quando foi convidada para trabalhar de recepcionista em um restaurante de classe média-alta na beira-mar de Fortaleza. Ela não aceitou a proposta de trabalho porque poderia ganhar mais fazendo programa com os estrangeiros.

*Me chamaram pra mim trabalhar num restaurante, pra mim ganhar em média uns oitocentos reais por mês como recepcionista, porque por eu tava na época que eu ainda tava estudando né, eu tinha acabado de fazer um curso de recepcionista, mas eu não quis, porque esse dinheiro é o dinheiro que eu ganhava saindo duas, três vezes entendeu, pensei de uma forma, pra que que eu vou fazer esse trabalho de ganhar isso em um mês se eu posso ganhar esse valor saindo com gringo<sup>10</sup> fazendo programa em duas vezes, três vezes entendeu, eu comecei a pensar nisso eu não vou não vou me submeter a isso, a gente começa a se acomodar... (Entrevista Sheron, 25.07.2012)*

As histórias de vida das mulheres entrevistadas revelam a conquista de uma autonomia ou independência financeira em relação a outras atividades desempenhadas

---

<sup>9</sup> Coloquei marido entre aspas porque é a forma como ela o identifica, pois o empresário com o qual vive é casado com outra mulher.

<sup>10</sup> Segundo Thaddeus Blanchette (2011), o termo gringo pode ser tomado de forma ética ou êmica. “Como categoria nativa, é um rótulo brasileiro não pejorativo (mas certamente não complementar) para qualquer estrangeiro cujo sotaque nativo atrapalhe sua fluência em português. Como categoria de análise, remete a certo tipo de “outro” que se aproxime e esteja presente entre nós, ao estilo do “*fremde*” descrito por Simmel (1950).” (BLANCHETTE, 2011, pg.61)

em algum momento de suas vidas, antes ou depois de começarem a fazer programas. Não precisar mais fazer o trabalho doméstico porque trabalha fora de casa e ganha seu próprio dinheiro, ou não precisar mais ser sustentada pelo marido ou companheiro, são elencados como motivos para continuar no mercado do sexo.

Segundo Trujillo e Duro (2011), no mercado do sexo, as mulheres podem se utilizar da representação corporal, do erotismo e do desejo para adquirirem certo poder de negociação que permite ampliar seu campo de ação tanto em sua vida familiar como no local de trabalho. Através das vantagens fornecidas pelo seu corpo, desenvolvem uma dinâmica laboral que possibilita a obtenção de uma maior renda de trabalho se comparado a uma assalariada da sua mesma idade e instrução, não obstante as condições de trabalho divergirem de maneira considerável. Contudo, apesar do empoderamento econômico possibilitado no mercado do sexo, a parte negativa do trabalho, segundo os autores, são as condições de trabalho muitas vezes difíceis e exploradoras, onde as mulheres são submetidas a muitas horas de trabalho, tendo que beber ou usar drogas com os clientes, sem nenhum tipo de proteção e controle legal das condições de trabalho.

O empoderamento se expressa através de duas vertentes: uma delas corresponde ao empoderamento feminino *de fato* que tem lugar na dinâmica com o cliente, já que de acordo com as bailarinas a decisão final de qualquer tipo de intercâmbio são tomadas por elas, também elas afirmam serem “tratadas como rainhas”; a outra forma de empoderamento é evidente no nível de renda que se obtém por seus serviços, porque este é muito maior do que obteriam em qualquer trabalho de acordo com suas características e preparação, que por sua vez garante-lhes maior poder de comprar e a obter melhores condições de vida. Mas tudo isso é compensado pela estigmatização e sinalização por parte da sociedade por causa do trabalho que fazem, e que a sua posição como um produto ou serviço (dependendo da atividade exigida pelo cliente) as coloca em uma situação vulnerável perante a violência sexista... (TRUJILLO & DURO, 2011, pg.11, tradução nossa)

Em relação às condições de trabalho das mulheres no mercado do sexo, a variação não é insignificante. Nas casas de massagem, as mulheres geralmente têm contratos de exclusividade por alguns meses, o tempo que for acordado entre a mulher e a dona ou dono da casa. O contrato de exclusividade consiste na mulher não trabalhar em nenhum outro lugar que envolva a venda de sexo, seja em esquinas, outras casas ou boates. Segundo Catarina, que trabalha na casa de massagem 1059, localizada no bairro Benfica, o contrato dela é de três meses, depois desse período ela escolhe outra casa ou outro lugar que deseje trabalhar. A rotatividade de mulheres nas casas é grande, não somente de mulheres locais, mas também de mulheres que vem de outros Estados ou do

interior do Ceará para trabalhar. Essa estratégia visa diversificar as mulheres disponíveis para os clientes em cada local.

Não pude entrar na casa de massagem chamada Belíssima, localizada no bairro Aldeota, porque não é permitida a entrada de mulheres desacompanhadas, mas segundo Sara, que já trabalhou na casa e agora está nas boates da Praia de Iracema, dentro da casa tem um bar e as meninas não costumam fazer strip-tease. As mulheres não podem sentar nas mesas a não ser que os clientes as chamem. Myli, na época da entrevista, trabalhava na casa há seis meses, e segundo ela, a casa funciona 24 horas e as mulheres fazem turno de 12 horas. Elas não são obrigadas a irem para a casa todos os dias, mas os dias que vão tem necessariamente que cobrir o turno de 12 horas. Apesar dessas regras, Myli disse que não cumpre os horários, *saio a hora que quero*. Ela disse que costuma trabalhar durante o dia.

Sara disse que passou somente quatro meses trabalhando na Belíssima porque ela não gostava de ficar esperando cliente e não podia sair da casa. Nas boates da Praia de Iracema, ela acha mais dinâmico e também ganha mais.

*É R\$150,00 o programa e não preciso pagar a ninguém. A gente não tem ligação com as boates, venho quando quero e as boates só lucram com as bebidas e o movimento dos clientes que são, na maioria, gringo. Na beira-mar é melhor porque aqui só tem mais gringo. (Entrevista Sara, 24.07.2012)*

Nas boates do Centro da cidade, voltadas para um público mais popular, tem uma forma de controle parecida com as das boates da Praia de Iracema. Certamente, as boates da Praia de Iracema tentam camuflar as atividades de prostituição existentes, como forma de fugir do controle policial, e também para atrair um público diferenciado, geralmente de estrangeiros. Diferentemente das boates do Centro, que já na entrada fica explícito que se trata de um *inferninho*<sup>11</sup>, com luzes de neon vermelhas e às vezes fotos de mulheres semi-nuas na entrada. Suelen trabalha em algumas boates do Centro concomitantemente e diz não ter controle de horário das mulheres e trabalhar quando quer. Também não divide o dinheiro ganho nos programas com as boates, que lucram com as bebidas e os quartos existentes nos fundos da boate. Outra diferença é que as mulheres fazem strip-tease em pequenos palcos (queijo) existentes nas boates do Centro

---

<sup>11</sup> Nome popular para cabarés ou casas de tolerância, como chamados antigamente.

praticam quase um sexo explícito na frente de todos, o que faz parte do *pacote*<sup>12</sup> da dança.

Nas casas voltadas para a clientela local das classes média-alta e alta, pelos menos em dois clubes, no Club do Drink e no Club do Whisky, as mulheres deixam parte do dinheiro dos programas nas casas. Segundo Anita, que trabalhou no Clube do Whisky, localizado na Aldeota.

*Lá tem umas salas VIP onde a gente faz strip-tease para os clientes. Os clientes pagam tudo, o aluguel do quarto, o programa e as bebidas. Já fui gerente do Clube do Whisky, mas não deu certo. [...] Quando a gente viaja com cliente, ele paga tudo. (Entrevista Anita, 13.08.2010)*

Nas esquinas, as configurações são múltiplas. Seu José<sup>13</sup>, taxista, contou que as *meninas* da esquina da Av. da Abolição, pagavam um *cara para ficar de olho nelas, de longe, para dar segurança*, mas já não sabia se ele ainda estava por lá. Aquino (2011), que pesquisa os mercados ilegais existentes na Praia de Iracema, coloca que *as mulheres que “trabalham” nas calçadas do bairro pagam regularmente a taxistas e seguranças de condomínios para que se encarreguem de afastar assaltantes do local, bem como de expulsar outras prostitutas que queiram “trabalhar” na mesma calçada* (AQUINO, 2011, pg.10). Contudo, Manu foi enfática ao dizer que ninguém a *cafetiza* e que ela prefere trabalhar na rua porque ela fica mais livre.

*Manu: Não, eu além de mim, ninguém, humhum, nunca, a mim pelo menos cafetizar ninguém, eu tô muito segura do que eu faço...*

*Fernanda: Vocês preferem trabalhar na rua por isso?*

*Manu: Tem muitas que dá dinheiro pra... que tem um homem em casa esperando elas trabalharem, chegar em casa ainda tem que dar dinheiro pra ele né... .*

*Fernanda: Aqui em Fortaleza tu não foi em nenhuma casa ainda conhecer...*

*Manu: Não, não gosto, boate essas coisas não me interessa, já cansei de tanto trabalhar assim na Europa que hoje em dia não me interessa mais trabalhar assim... ganhar a metade, ficar fechado em um ambiente fechado, não tenho mais paciência... não tenho mais paciência... (Entrevista Manu, 20.07.2012)*

Grazy, que já trabalha há dez anos nas esquinas de Fortaleza, diz também preferir trabalhar na rua porque não precisa dar dinheiro a ninguém e ela mesma cuida de si.

---

<sup>12</sup> Quando o cliente paga uma dança de *strip-tease*, que geralmente custa R\$30,00, a mulher dança a primeira música no queijo (palco) tirando parte da roupa. Na segunda música, a mulher desce e vai para a mesa do cliente onde tira o restante da roupa e deixa que o cliente toque em seu corpo, inclusive na sua genitália.

<sup>13</sup> Seu José foi um informante-chave da pesquisa, por trabalhar durante a noite e ter ponto fixo perto das boates da beira-mar de Fortaleza. Seu nome foi modificado para preservar sua identidade.

Como podemos perceber, existe uma diversidade de formas de trabalho para as mulheres que de forma explícita ou não, vendem ou negociam sexo. Parece existir uma organização mais fixa nas casas de massagem e formas mais livres ou menos controladas nas boates da Praia de Iracema, do centro e também nas ruas. Mas cabe ressaltar que não falo da totalidade de locais existentes de oferta de sexo na cidade de Fortaleza. Podem existir boates no Centro onde é exigido parte dos programas das mulheres, como clubes para classe média-alta onde não se exige. O que podemos afirmar é que existe um mercado do sexo e ele oferece diversas possibilidades e organização do trabalho para as mulheres, algumas sofrendo mais coação e sendo mais exploradas, e outras trabalhando de forma mais livre e independente, de forma que até os limites de tempo e valor dos programas possa ser relativizados, como ocorre nas fluidas e multifacetadas relações entre mulheres e estrangeiros nas boates da Praia de Iracema. Como nos afirma Piscitelli,

Nesses circuitos os visitantes estrangeiros percorrem roteiros específicos na busca de mulheres. E, pelo menos parte dessa procura adquire um certo grau de ocasionalidade. Embora esteja direcionada para garotas consideradas “de programa” pelos cearenses, ela integra um leque vasto de nativas. Nesses espaços encontrei jovens que realizam “programas” com estrangeiros à maneira daqueles destinados à clientela local, isto é, com tarifas, durações e, inclusive, práticas sexuais previamente acordadas. Achei, também, garotas subsistindo na base de “programas” com estrangeiros, com os quais mantêm relações muitas vezes duradouras, envolvendo pagamentos cujo valor não é fixo. (PISCITELLI, 2005a, pg.5)

Das mulheres que trabalham nas boates na PI<sup>14</sup>, seus relatos sobre como começaram a fazer programa são ainda mais diversificados, indo desde a necessidade de dar uma vida melhor para os filhos ao desejo de conseguir um namorado *gringo* que as leve para o exterior. Barbara frequenta a beira-mar há cinco anos, depois que se separou do marido, diz querer dar uma vida melhor para os filhos, mas também ressalta que está recebendo remessas mensais de dinheiro de um namorado suíço que encontrou na beira-mar e que só vai parar de fazer programa quando ela conseguir comprar uma casa com a ajuda dele. A existência de relacionamentos entre estrangeiros e mulheres locais foi relatada constantemente, o que deixa a entender que senão todas pelo menos boa parte das mulheres que frequentam a PI já desenvolveram algum tipo de relacionamento afetivo com os turistas.

---

<sup>14</sup> Forma com os frequentadores chamam a Praia de Iracema.

Existe também uma migração de mulheres de diversas partes do país, sobretudo do Norte e do Nordeste, para trabalhar nas boates da beira-mar de Fortaleza. Kamila, 25 anos, é natural de Teresina, Estado do Piauí, e vêm quase todos os anos para Fortaleza nos períodos de alta estação, assim como Debora, que é de Belém do Pará.

Sara, 26 anos, é do Rio Grande do Norte e está morando em Fortaleza. Seus pais são professores e ela disse viver bem em Natal. Ela sempre vinha para Fortaleza nas férias para ficar na casa de uma madrinha e numa dessas visitas suas amigas a levarem para as boates da beira-mar. Depois de idas cada vez mais frequentes, ela conheceu o pai do seu filho que é francês, depois dela morar um tempo na França, ela voltou e já está há dois anos frequentando as boates. Disse que veio para Fortaleza *deslumbrada* com a noite na Praia de Iracema.

Sabrina, 20 anos, é natural de Fortaleza e frequenta as boates da PI há dois anos. Ela disse que veio sozinha conhecer as boates, que lá conheceu umas amigas e continuou vindo, mas que ela não vem sempre, da última vez passou cinco meses nas casas dos pais, o que parece ter coincidido com a baixa estação, pois em Julho a encontrei nas boates. Ela disse vir por *curtição*, mas que não levava jeito para *isso*.

*Você viu na boate as meninas dançando, se esfregando nos homens, eu não tenho coragem de fazer isso. Geralmente quando eu venho, entro e eu mesmo, burra, pago bebida pra mim, sendo que é para você conseguir alguém que pague para você. Quando eu entro, fico como se tivesse numa boate "normal", pago minha bebida e fico esperando, se alguém me chamar, tudo bem, senão fico a noite tudo só conversando e bebendo. (Entrevista Sabrina, 24.07.2012)*

Sheron, 20 anos, começou a frequentar as boates da PI com 17 anos, ainda menor de idade, mas tirou um documento falso para entrar na boate Forró Mambo. Uma prima que segundo Sheron *começou bem mais cedo, já teve três filhos de estrangeiros, a influenciou* a conhecer as boates. Ela disse que foi por curiosidade e querer se divertir, não porque precisava de dinheiro, pois apesar de seus pais não serem ricos, ela nunca passou necessidade.

*Arranjou com amigos da prima dela os documentos falsos para entrar na boate, disse que no primeiro dia ficou lá bebendo e se divertindo e conseguiu um gringo novo e bonito, ela saiu com ele e quando recebeu o dinheiro ficou deslumbrada pensando como era fácil conseguir dinheiro assim, mas disse que depois começou a aparecer uns gringos mais velhos, ai ela teve que encarar e continuar fazendo. Mas disse que passou pouco tempo, segundo ela só uns quatro ou cinco meses e que no início ia com muita frequência, umas três vezes por semana até conhecer o atual namorado italiano dela e sair de lá. (Entrevista Sheron, 25.07.2012)*

Como podemos perceber, existe uma diferenciação entre os motivos elencados pelas mulheres que fazem programa na esquina da Av. Abolição das mulheres que frequentam as boates. Apesar de também haver relatos parecidos como ter se divorciado e precisar cuidar dos filhos, as mulheres que frequentam as boates são mais jovens e relatam que começaram a frequentar as boates por diversão, curtidão, através de amigas ou sozinhas. Os relacionamentos que se desenvolvem entre essas mulheres e os estrangeiros são cheios de ambiguidades, tornando simplista sua redução ao acordo sem envolvimento amoroso e através do pagamento em troca de um serviço sexual como na prostituição. Piscitelli (2000), no seu estudo sobre turismo sexual realizado em Fortaleza, fala sobre o perfil dessas mulheres.

As garotas vinculadas pelos cearenses ao “turismo sexual de classe média” moram em setores de camadas médias, camadas médias baixas e, inclusive, pobres, mas não necessariamente miseráveis, da cidade. Elas têm um grau de escolaridade comparativamente elevado. Muitas completaram a oitava série e algumas finalizaram o segundo grau. Investindo cuidadosamente na “aparência”, essas jovens, a maior parte das quais está na casa dos 20 anos, exibem corpos esguios. (PISCITELLI, 2000, pg.5)

Em relação aos locais de moradia das mulheres que frequentam a PI, temos desde mulheres que moram em bairros de classe baixa, como a Barra do Ceará e a Vila Manoel Sátiro, a mulheres que moram em bairros de classe média-alta e classe alta como o próprio bairro Praia de Iracema e Aldeota. Algumas, geralmente as mais novas, moram com os pais, outras dividem apartamento com amigas. Também encontrei mulheres que mantêm apartamentos com as remessas mensais de dinheiro que estrangeiros enviam para elas. Algumas têm carro próprio, cursam faculdade, frequentam festas voltadas para a classe média-alta como *raves*<sup>15</sup>; outras meninas completaram o ensino médio, outras nem o fundamental, a variedade é enorme.

Mulheres de diferentes classes sociais, variadas idades e com diversos objetivos frequentam a noite em Fortaleza, seja para se divertir e namorar com estrangeiros, seja para fazer programas e pagar suas despesas e dos seus filhos. Essas mulheres demonstram diversos tipos de agência em suas vidas, elencando motivos condizentes com suas histórias de vida e seus planos para o futuro, muitas vezes não tão conscientes. Algumas mapeiam os campos de possibilidades, escolhendo aqueles que

---

<sup>15</sup> Rave é um tipo de [festa](#) que acontece em [sítios](#) (longe dos centros urbanos) ou galpões, com [música eletrônica](#). É um evento de longa duração, normalmente acima de 12 horas, onde [DJs](#) e artistas plásticos, visuais e performáticos apresentam seus trabalhos, interagindo, dessa forma, com o público.

mais podem lhe proporcionar o suprimento das suas necessidades ou desejos, jogando com as estruturas de poder e as normas de gênero existentes.

### **3 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

No âmbito da prostituição, a agência das mulheres se dá através das rupturas e ressignificações dos regimes de poder e discurso que permeiam suas vidas cotidianas. Lidando com as opressões e hierarquias de gênero, com o estigma da sociedade sobre o trabalho sexual, com as poucas oportunidades em um mercado do trabalho mal pago, a necessidade de criar seus filhos ou ajudar sua família e, além disso, com o desejo de ascender socialmente e ter um padrão de vida e de consumo melhor, as mulheres se tornam agentes nas suas estratégias de vida.

A autonomia das mulheres não está na ideia de um sujeito individualista, que planeja objetivamente os seus objetivos e metas. A autonomia dessas mulheres ocorre nas relações sociais nas quais elas estão envolvidas, nas malhas de poder que perpassam as suas vidas cotidianas. Mesmo limitadas pelas estruturas sociais, elas se beneficiam com os jogos das suas identidades e do seu sexo, elaborando táticas do sexo e estratégias de vida para realizar seus desejos e aspirações.

Suas intencionalidades e motivações são múltiplas, e existem diferenciações em relação a mulheres localizadas em diferentes tipos de prostituição. E apesar delas não estarem livres da violência sexista e dos mais diversos tipos de necessidades financeiras, o desejo de boa parte delas é melhorar de vida. As configurações de cada trabalho é que vão possibilita-las ter acesso a uma ascensão maior ou menor. Segundo Gaspar (1988), a perspectiva de mobilidade e de status social das garotas também varia dependendo das possibilidades de ganho.

As relações entre turistas e mulheres locais nos permitem problematizar a visão simplista dos estudos sobre turismo sexual, que vinculam diretamente o envolvimento de turistas com nativas ou nativos à exploração sexual e a vitimização desses sujeitos, deixando de observar tanto os interesses e aspirações dos turistas ao procurar por sexo ou envolvimento amoroso no destino turístico, como também a agência de homens e mulheres nativos no relacionamento ou venda de serviços sexuais para turistas. Dando margem a voz e a experiência desses sujeitos nos estudos sobre prostituição e sexualidade, podemos ampliar o entendimento sobre os envolvimento sexuais e afetivos entre turistas e nativos(as), e também compreender as dinâmicas existentes entre sexo, turismo e migração.

Segundo Brennan (2010), existe uma variedade de experiências de trabalho no mercado do sexo, algumas benéficas e outras nem tanto. Mulheres entram no mercado do sexo por diversas razões e tem uma vasta experiência dentro dele. Essas diferenças são cruciais para entender a capacidade da mulher de escolha ou agência. Mesmo que existam estruturas que reforçam a desigualdade na vida das trabalhadoras do sexo, elas respondem criativamente a elas, tendo uma intencionalidade no uso do comércio do sexo.

Em relação ao consentimento e a livre escolha dessas mulheres pelo mercado do sexo, nos coloca Jo Doezema (2005) que questões fundamentais sobre autonomia, o *self* e a natureza do desejo foram levantadas para qualquer tipo de contrato ou relação. Mas nos colocamos os seguintes questionamentos: Quando alguém é completamente autônomo? Quando a escolha é verdadeiramente livre? Podemos sempre dizer que agimos da nossa própria vontade? Esses questionamentos estão no coração do paradoxo liberal, mas somente no liberalismo, a questão do consentimento é visto como base de ação legítima. No entanto, o próprio liberalismo não é capaz de responder a essas perguntas.

## REFERÊNCIAS

AQUINO, Jania Perla D. (2011). *O legal e o ilegal nas redes cosmopolitas da Praia de Iracema*. Trabalho apresentado XI Congresso Luso-Afro-Brasileiro, UFBA, 7 a 10 de agosto de 2011, Salvador/BA.

BENHABIB, Seyla; BUTLER, Judith [et al.]. (1995). *Feminist contentions: a philosophical exchange*. New York: Routledge.

BLANCHETTE, Thaddeus G.; SILVA, Ana Paula (2005). “*Nossa Senhora da Help*”: sexo, turismo e deslocamento transnacional em Copacabana. *Cadernos Pagu* (25), julho-dezembro de 2005, pp.249-280.

\_\_\_\_\_ (2011). “Fariseus” e “gringos bons”: masculinidade e turismo sexual em Copacabana. In: PISCITELLI, Adriana; ASSIS, Glaucia; OLIVAR, José (org.). *Gênero, sexo, afetos e dinheiro: mobilidades transnacionais envolvendo o Brasil*. Campinas, SP : UNICAMP/PAGU. (Coleção Encontros)

BRENNAN, Denise (2010). Sex tourism and sex workers’ aspirations. In: WEITZER, Ronald (ed.). *Sex for sale: prostitution, pornography and the sex industry*. 2nd ed. New York and London: Routledge.

BRISON, Susan J. (1997). Outliving oneself: trauma, memory, and personal identity. In: MEYERS, Diana Tietjens (org.). *Feminists rethink the self*. Westview press.

BUTLER, Judith; BENHABIB, Seyla [et al.]. (1995). *Feminist contentions: a philosophical exchange*. New York: Routledge.

\_\_\_\_\_ (2009). *Dar cuenta de sí mismo: violencia ética y responsabilidad*. Buenos Aires: Amorrortu.

DOEZEMA, Jo (2005). Now you see her, now you don't: Sex Workers at the UN Trafficking Protocol Negotiation. *Social Legal Studies*, vol.14, pp. 61-89.

FONSECA, Claudia (1996). *A dupla carreira da mulher prostituta*. Revista Estudos Feministas, v. 1, pp.7-33.

FRIEDMAN, Marilyn (1997). Autonomy and social relationships: rethinking the feminist critique. In: MEYERS, Diana Tietjens (org.) (1997). *Feminists rethink the self*. Westview press.

GASPAR, Maria Dulce (1988). *Garotas de Programa: prostituição em Copacabana e identidade social*. 2 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.

PISCITELLI, Adriana G. (2000). *Gênero e racialização no contexto de relações transnacionais: comentários a partir de uma leitura das relações presentes no turismo sexual em Fortaleza (Ceará, Brasil)*. Simpósio internacional: o desafio da diferença, articulando gênero, raça e classe, vol. 1, Salvador, BA, Brasil.

\_\_\_\_\_ (2005a). *El tráfico del deseo: interseccionalidades no marco do turismo sexual no Nordeste do Brasil*. Quaderns de l'Institut Catalé d'Antropologia, BARCELONA, v. 2004/b, p. 01-15, 2005.

SIMOES, Soraya Oliveira (2010). *Vila Mimosa: etnografia da cidade cenográfica da prostituição carioca*. Niterói: EdUFF.

TRUJILLO, María Elena G; DURO, Carlos N. Mora (2011). *Como quieras quiero y como te acomodes puedo. Las trabajadoras de table dance en Guadalajara México*. Trabalho apresentando no XVIII Congreso Internacional de ALAS, 6 a 11 de Septiembre de 2011, UFPE, Recife – PE.